



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PÁPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

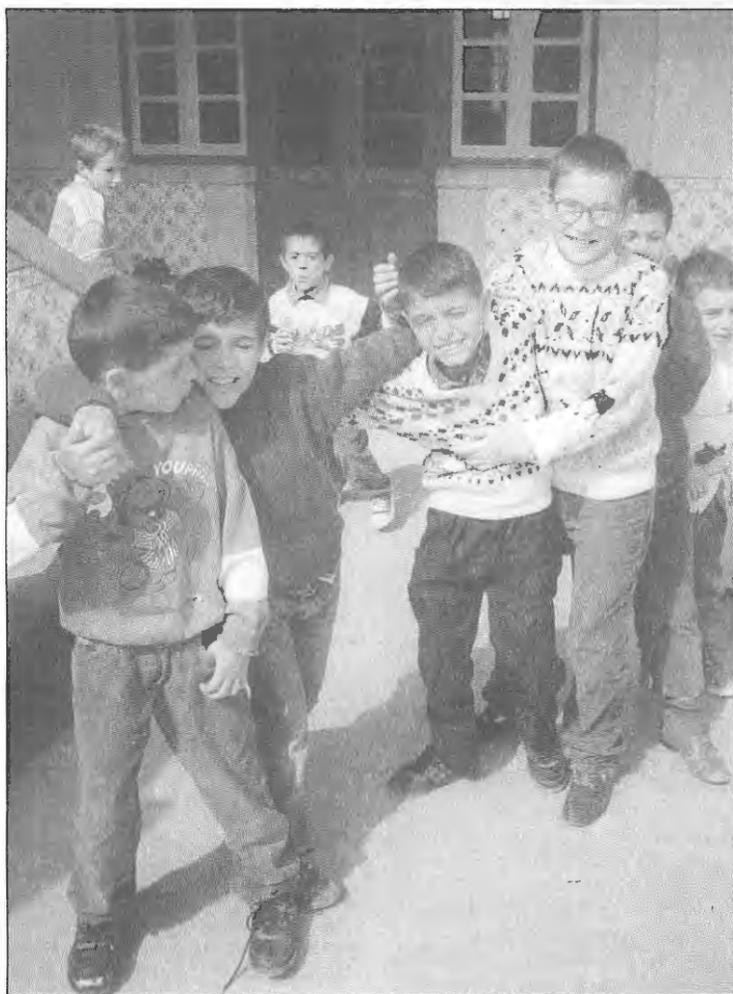
O Galato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

29 de Outubro de 2005 • Ano LXII • N.º 1608
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 256752285
Fax 256753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Miranda do Corvo — Eles em sua Casa.

Tribuna de Coimbra

Visita de Senhoras de Castelo Branco

ONTEM, Domingo, estive entre nós, todo o dia, um grupo de Senhoras de Castelo Branco. Gente cristã, das várias Comunidades, daquela Cidade. É uma visita que se repete e já ganhou foros de tradição. O dia começou com a celebração da Eucaristia. Às 10h30 juntámo-nos na nossa Capela para celebrar o Dia do Senhor. Ali recordámo-nos todos os nossos Amigos que não puderam vir, mas nos enviaram as suas partilhas. Também os que o Senhor já chamou para a Casa do Pai. A Fernanda apressou-se a lembrar-me alguns deles, antes de subir ao Altar: Maria do Rosário, Maria de Lurdes Mota, Auta Rôxo, Eng. A. Russinho, entre tantos outros que juntámos às nossas intenções. A Eucaristia transporta-nos à Comunhão dos Santos, ao abraço eterno de Deus Pai para connosco Seus filhos em Cristo. Estes nossos irmãos, apaixonados pelo bem do próximo, no impulso irresistível do Padre Américo, contemplam, agora, a Páscoa Eterna e participam na abundância dos dons pascais para sempre. Por isso, a nossa celebração, acto central deste encontro e deste dia, concedeu aos nossos corações o dom da alegria e o reconforto da paz do Senhor.

Houve emoção e lágrimas nos olhos. Era Deus a segredar o Seu amor e a revelar a Sua presença nos Seus mais preferidos. A Humildade é a condição para que esta revelação possa ser captada e se torne acontecimento. Os «grandes» e os «poderosos» deste mundo não podem entender; ficam confusos e afastam-

-se, presos como estão aos seus preconceitos. Quando pedia aos nossos rapazes, que são naturais de Castelo Branco, que se apresentassem: o Francisco, o João Pedro, o João Leite, o Arlindo, o Igor e o Quim, então é que foi palmas!... Modos tão diferentes de apreciar! É que se o coração estiver «embaciado», embaciado estará também o olhar, ainda que tudo à nossa volta seja radioso...

A maior parte deste grupo eram mulheres. Detentoras da sublime intuição maternal, elas sabem chorar e sofrer, como ninguém, a dor das «perdas» afectivas. Estes meninos e rapazes foram momentaneamente «adoptados» pelo seu coração maternal. Elas vinham em nome do coração maternal das suas Comunidades cristãs, a marca emblemática que as deve distinguir neste mundo cada vez mais secularizado e massificado.

Elas encheram a cozinha e a sala de jantar da alegria do Evangelho, na multiplicação dos «mimos» e na confecção do almoço. Quiseram cozinhar por suas próprias mãos os ingredientes fresquinhos que trouxeram das suas terras: pastéis e rissóis; boa carne, bolos e doces de toda a qualidade, pão de fabrico caseiro, um «mundo» de fartura. Bendito seja Deus! Há mais alegria em dar que em receber — recorda o Apóstolo.

Santas mulheres e mães! São elas que, pela sua abertura ao dom inestimável da vida, não-de afastar o «glaciar» em que esta nossa Europa parece ter mergulhado, numa orfandade sem precedentes.

Padre João

Moçambique

Incêndio e acção de graças

QUISERA que esta crónica levasse aos nossos Leitores a alegria que vivi hoje, na nossa Capela, durante a Celebração de Domingo. Os rapazes tinham ensaiado, no sábado, à hora da Oração do fim do dia. Como fica em lugar elevado em relação ao nosso terreno, fomos surpreendidos por um incêndio, com labaredas muito altas; parecia até dentro da fazenda. Àquela hora, só nós. Os homens, chamados «do meio ambiente», que durante o tempo seco contratamos para ajuda nestas emergências, há muito tinham regressado a suas casas. Chamei os mais velhos da casa 4 e 5, mas devem ter saltado para a camioneta os outros chefes de casa. O fogo, embora aparatoso, tinha acalmado um pouco quando lá chegámos e os rapazes pelo mato fora, enfrentando cobras e espinhos, em um

quarto de hora o dominaram. O Sérgio, que presidia à Oração, continuou no seu lugar e iniciou o ensaio, que apanhámos a mais de meio, quando voltámos à Capela.

Pois, julgava eu que o ensaio tinha sido um desastre com a falta dos mais velhos que suportam, com voz forte, a melodia. Para mais, ainda, a Celebração ao fim do dia não é normal, pois toda a gente está fatigada dos jogos de futebol em qualquer espaço disponível à volta da Escola ou da Casa, porque o nosso campo ainda vai aguardando o seu dia e os mais pequeninos estão a cair de sono, nos braços dos mais velhos. Quando tem de acontecer, como hoje, é quase sempre sem a energia e sem a alegria que realça tão bem a nossa Missa, nas horas matinais.

Pois, estava enganado. Anunciei, no princípio, a intenção: Acção de graças pelo regresso da

Irmã e da tia Maria José, que estiveram mais de oito dias ausentes em descanso forçado de recuperação. Pois nunca tantos e todos cantaram tão bem! O motivo que eu só ao fim compreendi, é que a Mãe deles tinha regressado e a tia Maria José. Na chegada só um ou dois não correram para lhes dar um beijo e isso já tinha acontecido havia algumas horas, mas continuava dentro deles o calor, o calor do carinho que retribuem a quem lhes quer tanto. A nossa Celebração foi de acção de graças.

A predisposição do espírito, o ritmo das melodias, marcado pelos tambores e sublinhado pelo harmónio, ao qual entregaram totalmente o corpo, se em changana mais que em português, a compreensão das palavras, a vibração das vozes, o lugar, o ambiente, fizeram daquela hora uma Festa Sagrada.

Uma festa à nossa maneira, para o Senhor desta Casa que Se manifesta em Amor por eles e a Quem pedem com firme esperança Senhoras e Padres para a Obra da Rua, conhecedores, como ninguém, de que ela é verdadeiramente o apoio para a sua libertação da miséria em que viveram e vivem aos milhares por outros lados e a garantia do seu desenvolvimento no futuro que os espera.

Padre José Maria

Momentos

Fontes de alegria

ERA quase ao fim duma destas manhãs em que começou a chover. No escritório, ao lado do meu, gerou-se um certo bulício que me perturbava.

Acabei de ver o correio e olhava rapidamente o jornal.

No átrio, em frente, enxergo pela porta de vidro um homem modestamente vestido, dando sinais de me querer falar.

Levantei-me, abri-lhe a porta, estendi-lhe a mão em cumprimento, apresentando-me.

O senhor pareceu-me tão pouco à vontade e com um ar tão humilde, que julguei ser um pedinte.

Sem se sentar, sem me dar tempo de lhe oferecer a oportunidade, começou a falar baixinho: — Que não vinha fazer nenhum negócio, só queria que Deus lhe desse saúde para poder trabalhar. Levantava para mim, ao mesmo tempo, um olhar sofrido e terno, com medo que eu não o compreendesse ou não interpretasse bem a sua atitude. — «Venho dar isto a Deus, só para lhe agradecer» — rematou.

Deus era eu. Ou melhor era Ele que estava em mim e se revelava na Obra.

Estende a mão, entrega-me um cheque, balbuciando: «É o prémio de um acidente de trabalho».

O brilho do olhar cruzado no meu era de uma eloquência tão arrebatadora que, repentinamente me elevava. Há momentos felizes na vida!... Mas nenhum se compara àqueles em que Deus se torna sensível.

Não falámos quase nada. Tudo se ficou pelo olhar, pelo silêncio e pelo deslumbramento que a ambos se comunicou.

O benfeitor saiu elevado, não permitindo que o acompanhasse à porta. Eu fiquei de coração cheio dando graças a Deus. Não só pela quantia de 27.955,37 euros, mas sobretudo pela graça de saborear este encontro.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MAIS POBRES...! — O boletim quadrimestral do Banco Alimentar, do ano em curso, traz um resumo da situação de Indigentes no País que somos:

- 24% das famílias portuguesas estão em situação de pobreza;
- 30% dos Pobres são pensionistas;
- 15% da população está em risco de persistência de pobreza;
- 470 mil desempregados;
- mais de 200 mil recebem rendimento social de inserção.

Que dizer dos muitos Indigentes a cargo das Conferências Vicentinas do País!?

«Portugal mais pobre» é o título de um semanário de grande tiragem de onde foram catados estes números.

PARTILHA — Um cheque do assinante 63846, do Porto. Outro, da assinante 33824, de Azambuja. Mais outro, da assinante 68573, de Eírol: «As dificuldades do dia-a-dia foram aparecendo, pois casei em Julho e, como sabem, a vida dos jovens casais apresenta sempre algumas dificuldades, principalmente quando uma das partes não tem saúde para trabalhar, o que acontece ao meu jovem marido».

Mais um cheque, da assinante 74260, da Covilhã, «o restante, pequena gota de água no oceano, para as necessidades mais urgentes dos vossos Pobres, que só com a graça de Deus e a dedicação e empenho de quantos neles trabalham podem prosseguir».

Assinante 64183, de Custóias, «um pequeno donativo, de 50 euros, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, gastar como acharem melhor».

Assinante 5963, Paço de Arcos, a «partilha habitual com saudações fraternas no amor ao Pai». Presença de há muitos anos!

Senhora amiga, da Cidade do Porto, assinante 113, «com um pequeno donativo que, além do mais, fosse aplicado numa ajuda à Conferência Vicentina. É pouquinho, porque há muito atravesso uma crise financeira».

Outra oferta, do assinante 74299, da Covilhã, «para pagarem a vossa conta na farmácia, que tantos donativos dá a quem precisa».

Agora, é Lourdes, de Cacém, com 35 euros, «pouquinhos para ajudar um pouquinho nas necessidades dos vossos Pobres».

Leiria, assinante 77010, 15 euros, «contributo que possa auxiliar os menos favorecidos, os quais auxiliam todos os dias».

Quarenta euros, do assinante 11856, do Porto.

Mais outra oferta, da assinante 14708, de Minde, que também mandou algo para a assinatura d'O GAIATO.

Assinante 25805, de Vila Nova de Famalicão, «pequeno contributo anual para os Pobres da vossa Conferência, de Paço de Sousa, vinte euros; e 50 para O GAIATO».

O nosso obrigado, em nome dos Pobres.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



Paço de Sousa — Domingos com futebol são uma festa para todos, especialmente para os mais pequenos.

Paço de Sousa

DESPORTO — O Grupo Desportivo deu o pontapé de saída no dia 1 de Outubro. Para a apresentação da equipa Sénior, recebemos os Júniores do Água Longa, com quem os nossos Rapazes se bateram lindamente, apesar de ainda estarem em início de época. Por seu turno, os visitantes, também se mostraram aguerridos e satisfeitos por estarem junto de nós, para poderem testar as suas capacidades no campeonato deles. O Água Longa milita na A.F.Porto, a quem desejamos as maiores felicidades.

Em relação ao jogo propriamente dito, tudo correu bem. Uma primeira parte sem golos, mais ou menos equilibrada. Durante a segunda metade, as coisas foram completamente diferentes. Com eficácia e alguma sobranceira, os nossos Rapazes acabariam por ter um bom início de época ao marcar quatro golos, tendo sofrido um de grande penalidade. Ilídio saltou do banco para facturar «dois tentos» e fazer uma bela exibição. «Russo» marcou o terceiro, e o quarto esteve a cargo do Gil de grande penalidade. Uma equipa que falou toda ela uma só voz. Mas os três verdadeiros «carrascos» do jogo, e está provado que não é preciso marcar golos para se ser o melhor em campo, dão pelo nome Serafim, «Bonga» e «Bolinhas». No entanto, não podemos deixar de falar da estreia do novo atleta, que apesar da sua compleição física, o «Botija», aguentou quarenta e cinco minutos, não deixando ficar os seus créditos por mãos alheias.

Não é necessário ser «estrela» para ter lugar no onze desta Casa. O que é preciso é ter vontade, ser humilde e não ser convencido de que se ele não jogar, já não se joga ou não se ganha. Os apartes e o desinteresse dentro do campo, quando as coisas não correm bem, estão a ser registadas para, quando menos se esperar, criar dissabores desnecessários.

Uma semana depois os Juvenis receberam o F. C. Cerco do Porto da A. F. Porto. Já tínhamos jogado com eles em Janeiro de 2000. Agora, voltámos a sentir o carinho, a estima e a consideração daquela gente, comprovando assim, que a fama daquele Bairro não tem nada a ver com o Clube.

Mas falando do nosso jogo-convívio, não podia ter corrido melhor. O jogo começou por volta da 15h30 e sem favor nenhum, os nossos Rapazes saíram vitoriosos com alguns golos de vantagem.

No final do encontro e em conversa com um dos responsáveis, ficou agendado para o mês de Dezembro, um jogo com os Infantis, onde jogam o «nosso» Lipe e o Pedro, que quando os levaram... daqui, ainda faziam parte dos da Casa-Mãe. Vai ser dia de festa para todos, mas especialmente para os mais pequenos.

Alberto («Resende»)

Setúbal

VACARIA — Nasceram mais três bezerros. As vacas ficaram mal. Uma delas pariu deitada e a outra de pé. O «Fernandinho» e o «Miguelinho» estão a fazer o tratamento para ficarem boas. O «Paisinho» e eu andámos a pôr parafusos nos bebedouros das vacas para elas não os rebentarem.

CAMPO — Os tractoristas andaram a semear as ervas de Inverno, que serão para fazer silagem para o gado. Alguns rapazes andaram a semear o nabal e a plantar couve na horta, para nos dar hortaliça ao longo do ano para a comida.

RAPAZ NOVO — Veio para cá um rapaz novo chamado Fábio. Ele veio de Castelo Branco, há cerca de duas semanas. É um rapaz contente, gosta de conviver com os companheiros. Tem 10 anos e anda no 4.º ano. Ele gosta de cá estar.

OBRAS — O «Lota» e o «Monchique» andaram a abrir uma vala para uma canalização da água da chuva. O sr. Paulo anda a fazer obras em duas salas no nosso Lar de estudantes. Neste momento, a pôr azulejo nas paredes.

OFICINAS — Os da serralharia puseram corrimões na entrada das traieiras do Lar. Os da carpintaria a envernizar as portas e janelas. Também fazemos trabalhos para fora.

ESCOLA — Temos um rapaz que foi fazer um estágio para a Escócia. Chama-se Júlio Inocêncio e tem 22 anos. Está a fazer um curso profissional de Mecânica. Ele gosta do curso. Esperamos que o consiga fazer.

DESEMPREGADOS — Temos um grupo de rapazes que anda à procura de trabalho. O Mário Paulo e o Jaime têm o curso de electricista. O «Pipas», o 12.º ano — curso de Gestão

e Contabilidade. O «Ouriço», também tem o 12.º ano — curso de Electromecânica. Desejamos que encontrem o trabalho que procuram.

Horácio

Miranda do Corvo

OBRAS — As do Lar de Coimbra já estão terminadas. Depois do último feriado ter sido preenchido com algumas horas «extra» de trabalho, o nosso Lar ficou como novo com uma limpeza a fundo realizada por alguns rapazes e a senhora Florinda. O brilho do chão fazia sobressair a beleza dos novos armários e as janelas dão um ar mais acolhedor e confortável.

As salas de estudo, de televisão, informática e biblioteca já estão prontas, com excepção da última, que falta adquirir o material informático. A sala de estudo já está pronta há mais tempo e a sala de televisão este fim-de-semana, com um novo aparelho e um leitor de DVD's.

Os nossos rapazes estão satisfeitos, mas não fazem ideia da quantidade de dinheiro investido, e isso é uma parte muito importante. Por isso, pedimos aos nossos Leitores e Amigos que nos ajudem a estas despesas.

BUSTO — Temos, em nossa Casa, um busto do nosso Fundador: Padre Américo. Esta obra não está instalada no jardim dos azulejos e representa o Pai Américo com o seu cajado. Além desta obra, uma escola.

ESCOLA — Os rapazes que estudam no ensino primário vão começar a ter aulas de Inglês e natação. Os nossos rapazes vão ter esse privilégio porque pertencem a um grupo organizado de escolas. Eles vão ter as aulas de Inglês na Pereira e as de natação nas piscinas municipais. O transporte é garantido pela Câmara Municipal de Miranda do Corvo, a quem agradecemos.

EXCURSÃO — Como em outros anos recebemos, uma vez mais e com imensa alegria, a excursão de Castelo Branco.

Iniciámos o nosso Domingo com a celebração da Eucaristia, por volta da hora de chegada dos nossos visitantes.

No fim da Eucaristia, descarregou-se o autocarro que, como sempre, veio cheio com um «mundo» de coisas.

Seguiu-se a espera pelo almoço que muita gente aproveitou para visitar as nossas instalações.

Durante o almoço, de prato cheio, ouviam-se canções tradicionais da Beira Interior e entre conversas e sorrisos chegou a sobremesa — que foi tanta e variada que dificultou a escolha.

A tarde foi passada em convívio constante e aprofundamento de conhecimentos e fizemos novos amigos. Seguiu-se uma merenda-ajantarada que nos regalou os olhos e preencheu o espaço ainda livre no estômago.

Infelizmente, chegou a hora da despedida, onde não se viram lenços brancos, mas sorrisos de esperança de voltar a ver todos os nossos amigos no próximo ano.

OFERTAS — «O Celeiro do Sol», referido em edições anteriores pelas suas ofertas, desta vez excedeu-se. Ofereceu, para o Lar de Coimbra, um micro-ondas novinho em folha, coisa que fazia falta há algum tempo, pois alguns rapazes que chegam mais tarde a Casa, por vezes, comiam o jantar já frio — o que não é agradável.

Aqui deixo um obrigado especial. Também o Jumbo, do novo Centro Comercial Dolce Vita, nos ofereceu alguma mercearia. É a segunda vez que nos fornece produtos, todos de boa qualidade, sempre necessários às nossas necessidades. Não desfazendo o Continente que continua a ser o nosso maior oferente.

As duas superfícies comerciais, o nosso muito obrigado e que a rivalidade seja positiva para o desenvolvimento dos Centros Comerciais.

Obrigado, também, a todos quantos ao longo do ano nos presenteiam com as suas ofertas.

Adriano

Cartas

«Pelo que tenho lido em 'O GAIATO' e pelo que Deus me tem permitido conhecer ao longo da vida, imagino como deve ser árdua, e muitas vezes incompreendida, a vossa tarefa de educarem os Rapazes, face à intromissão de estranhos à Obra. Até também alguma Comunicação Social tentou molestar-vos... A minha modesta, mas sincera solidariedade. A frase não é minha, mas penso que vem a propósito: 'A exemplo de Jesus Cristo que por nós transportou a cruz do suplício,

sigamos atrás d'Ele levando a nossa cruz de cada dia, com Fé, com Esperança e com Amor'.

Que o Senhor Jesus esteja convosco e anime os vossos corações.

A todos a quem Deus concedeu a admirável missão de dirigirem e darem continuidade à Obra do Padre Américo, o meu sincero e fraterno bem-hajam.

Assinante 70775».

«Junto valor para a minha assinatura. Peço desculpa pelo atraso e agradeço terem continuado a enviar-mo, pois este pequenino jornal faz-nos pensar e é muito rico nas suas leituras.

Assinante 30776».

Carta do Padre José Maria

N. R. — De quando em vez, Padre José Maria descarrega sobre mim.

Fora dois contentores, já este ano lhe mandei 80.000,00 euros!

Que hei-de fazer senão descarregar sobre Ti?

Eis a sua aflição:

02.10.2005

Querido Padre Acílio

ANDO aflito com a nossa vida. Não com problemas graves de rapazes, que não temos tido. Todos os mais velhos vão bem nos seus estudos. O aproveitamento dos mais novos, aqui em Casa, é que é uma luta de cada dia, para que não se descuidem e qualquer atitude menos correcta, há que remediar logo.

Aflito, sim, com a vida económica. Ajudas que vinham para nós e para as Creches, como óleo, ervilha seca e açúcar, o Programa Mundial de Alimentação deixou de fornecer e temos de comprar. Avariou o *Caterpillar* e a peça custa quase dois mil dólares. Andava a tentar comprar uma esteira velha e pensava que com dois mil faria o negócio, mas ao ver que só o turbo avariado custa tanto, nem imagino quanto me vão pedir por ela. Entretanto está parado, depois de conseguir ao menos juntar terras que quase deram para o campo da bola, com a ajuda de pá carregadora e transportes de alguns amigos. Mas falta ainda um pouco até colocar uma camada de areia.

Está por completar a limpeza do campo para este ano semear girassol. A velha *Mitsubishi* está com avaria na caixa. Só uma, em segunda mão, que não será de longa duração, estão a pedir mil e quinhentos dólares. A camioneta já tem mais de 400 mil quilómetros. Foi ainda em 1991 que comprámos.

Começámos a tirar a madeira do telhado da Casa-mãe. Pensava que seriam apenas algumas asnas, as maiores têm quase quinze metros, e uma questão de ripas, mas é quase todo o madeiramento que está retorcido. Tenho de colocar vigotas de cimento armado. O Juvenal já ofereceu metade delas. Mas a área é de setecentos e setenta metros quadrados, números redondos, e dezasseis telhas por metro, calculando com o desnível das asnas devem ser precisas umas doze mil e quinhentas telhas, mais cento e dez metros de cumieira. Aqui cada telha de cimento custa um dólar, preço de hoje. Não faço ideia quanto custará aí.

Como disseste que poderias oferecer a telha, se ao menos pudesses dar o custo dela mais o do transporte, seria uma grande ajuda.

Entretanto não sei como fazer para dar algum da nossa dívida àquele amigo da África do Sul. Pensava, ao menos, em vinte mil dólares, mas se vou tirar do que fizeste a caridade de mandar, já ficamos a tenir outra vez. Os porcos estão a dar pouco e não tenho incrementado a criação, porque o nosso milho está a acabar. Vai ser preciso recorrer a rações feitas. Estamos a comprar melaço para melhorar o alimento do gado leiteiro, como de corte. Os pastos estão sequíssimos e não se prevê que venha chuva. Continuam a arder os montes à nossa volta. Ontem, à tarde, tivemos que acudir. Morreu um burro queimado, que estava amarrado a uma casa feita de contentor, rebentou com o calor e ardeu o recheio. Creio que o dono deve estar na cidade. Quando vier, no Domingo, vai ficar amargurado.

Os jornais todos os dias falam da luta contra a pobreza. Agora já nem dizem pobreza absoluta. Mas não se vê que estejam a fazer nada. Por este andar vai morrer por aqui muita

gente. Vou deixar por aqui a minha carta, que os olhos estão a pedir sono. São quase dez e meia e já não tenho forças para dispenhar o sono. Não sei como tu consegues.

Hoje, sábado, já ficou quase toda a telha velha em baixo e as asnas até à lavanderia já foram retiradas. Vou ver se as aproveito para uma Creche que estamos a fazer em Changelane, recuperando, assim, algum dinheiro, mas já vai ser difícil, pois a carpintaria está a braços com aros e esquadrias e portas e, logo a seguir, a nossa Casa Esperança que já está na altura da viga de travamento geral, mais a esquadria para a Escola da Massaca que é muito grande. Isto sem contar ainda com todo o equipamento interno que também temos de fazer aqui e na Carpintaria de Mailane. É a nossa maneira de fazermos algum dinheiro e, ao mesmo tempo, dar trabalho a tantos que vivem à nossa volta.

Os Lares para órfãos de sida estão prontos. As camas quase acabadas na serralharia, mas falta o equipamento de sala de jantar e estudo e cozinha, para dois lares. É muita coisa para este ano ainda. Os feriados daqui atrapalham um pouco. Na outra semana calhou um ao Domingo e passaram-no para segunda-feira. Agora, nesta, calha mesmo no meio da semana.

Já te roubei muito tempo se tivesse paciência de me ler. Deus vai-me dando saúde para me mexer e isso é uma grande bênção para mim, mas continuo a temer pela saúde da Irmã. O tratamento que fez foi muito violento e não recuperou bem. Muita dieta, remédio para dormir e descanso que precisa ter e não pode. Pedimos todos os dias pelas nossas aflições, para fazer os rapazes comungar connosco e entenderem o quanto dependemos de Deus, mais nomeadamente pelas tuas e da Obra. Que o Senhor não nos desapare, e dê um sinal da Sua Misericórdia para o nosso trabalho na Sua Igreja.

Um abraço com muita amizade.

Padre José Maria

Momentos

Continuação da página 1

A vida dos padres da Rua é, foi e será sempre fonte de especial alegria pois nela se especifica a nossa confiança e se confirma a nossa fé. Os motivos para acreditar na Providência são cada vez mais fortes, neste tempo em que tantos se deixam arrastar pelo vil metal.

Que faria o mundo dos homens com um cheque destes? — Sim, que faria?

O acidente de trabalho custou-lhe, com certeza, muitas dores. A sua vida correu perigo. Teria sentido necessidade de se compensar justamente, mas não entende assim. Quer dá-lo e vai entregá-lo a Deus, nas minhas mãos!...

Há tantos passeios propagandeados continuamente!... Tantas férias!... Espalmandos automóveis!... Tanta coisa, onde tanta gente, sem sombra de remorsos, gasta o dinheiro que poderia dar aos Pobres.

Os rapazes, o cuidado com os pobres, a nossa doação, o sofrimento que ela inevitavelmente atrai, ferem inexoravelmente os corações crentes e resulta assim em acções de beleza e magnitude incomparáveis.

* * *

Sabia que Almeida mais dois rapazes se tinham atirado a pôr em ordem as nossas despensas e a organização das câmaras frigoríficas e congeladoras.

Esta tarefa está, normalmente, entregue às nossas Senhoras, Mães de família e Donas de casa.

Quando me chegou aos ouvidos tal notícia, calei-me bem caladinho e, guardei em segredo o meu contentamento.

Onde Almeida põe as mãos também coloca o coração e o seu trabalho sai perfeito.

Que os companheiros aprendessem com ele é próprio da nossa vida e do nosso método. Aluno do 3º

ano de Dietética na Faculdade do Instituto Piaget, Almeida é perito na matéria e punha assim os seus conhecimentos ao serviço da Casa do Gaiato e à disposição dos colegas.

Duas semanas de trabalho nas férias de Verão!...

Não se conteve sem me convidar para ir ver a arrumação feita e explicar-me, diante de dois colegas, a razão porque os alimentos se dispunham em determinado local, ordem e alinhamento.

Tive de correr as duas despensas, a grande e a pequena e apanhar um pouco de frio nas arcas.

Ciências novas ao serviço da saúde das pessoas, construídas em dados e reflexões científicas, trazidas para a prática quotidiana da Casa do Gaiato por um dos nossos rapazes pareceu-me também um acontecimento deslumbrante!... É a ciência a entrar desta forma simples no contexto cultural da nossa vida!...

Esponaneamente manifestei-me em alegria. Não só por ser mesmo assim, mas também porque o estímulo dos rapazes e a verdade dos factos o exigia.

Almeida respondia, espumando de júbilo: — «Hei-de trazer os meus colegas da Universidade aqui a Casa fazer umas conferências sobre alimentação. Os rapazes precisam de conhecer maneiras certas de se alimentarem e manterem o equilíbrio do físico».

Sim, em nossas Casas é possível cozinhar-se as dietas mais perfeitas, dada a variedade e a qualidade dos alimentos à disposição, mas não basta pô-los na mesa pois uma mentalidade cada vez mais errada vai entrando na mente da juventude, veiculada pela propaganda comercial que só tem como fito vender, sem se incomodar com a intoxicação errónea da cultura alimentar humana.

Um desejo sublime de um Gaiato querer orientar bem os seus irmãos!...

Não vai ser ele o prelector que os profetas não se fazem escutar na sua casa com palavras. Só com obras. Virão os seus colegas da Faculdade. Assim a riqueza da iniciativa tornar-se-á mais frutuosa. Para os nossos rapazes e para os universitários que virão também aprender o que é uma Casa do Gaiato.

Padre Acílio

DOCTRINA



Turismo de aproximação, turismo de amor!

NÓS jamais mandamos às cidades recados por ninguém. Vão os nossos. Repartições públicas, casas de comércio, bancos, igrejas, comboios, camionetas, eléctricos... A toda a parte vai o mensageiro de um sangue renovado pelos processos divinos do primeiro Mandamento. Os «sábios» não compreendem assim. Multiplicam-se teorias e opiniões quando se chega ao capítulo de delinquência infantil. Cada um diz de sua maneira e todos usam o mesmo método: estudam, classificam e afastam. Assim se faz com os micróbios!

ORA, o nosso empenho está precisamente em apresentar à sociedade este mundo desconhecido — por muito estudado... Tirá-lo de retortas. Riscá-lo das estatísticas. Livrá-lo do ferrete. Como? Pela ciência divina de amar o que não presta.

ESTES pequeninos seres chegam às nossas Casas, que também são laboratórios, com a sua opinião formada acerca do mundo donde vêm. Eles também marcam distâncias. Eles trazem a sua gíria a nosso respeito. Eles retribuem! Deixá-los assim crescer é fazer um inimigo certo de cada um deles.

PORÉM, depois que os mandamos em pequeninos grupos para o meio da sociedade, as coisas mudam de figura. O que ele nos dizem na volta das suas viagens são revelações flagrantes da transformação que se vai operando lentamente em suas almas, pela sua acção. Os senhores que nos visitam ficam hoje espantados do aprumo, da obediência, da lisura deles.

NO rápido de Lisboa, um senhor do Porto, de grande categoria, declarou-me que todos os Domingos espera no Imperial a chegada dos vendedores d'O GAIATO, só pelo prazer de os escutar. Uma família do Porto, a quem dei há tempos um farrapãozinho das ruas, não permitiu que ele viesse almoçar comigo a nossa Casa, por ciúmes!

ELES já são hoje a pequenina grei que escreve o seu nome no Céu e leva o mundo a fazer o mesmo. Eles, estrelas de primeira grandeza pelo brilho que lhes vem do sol da justiça. Hoje são amigos. Eles retribuem. Nós temos a mesma origem. Há entre nós um ponto certo de afinidade. A separação causa a morte. A Obra da Rua está no sangue dos portugueses. Dizer que ela é do Padre Américo, é heresia.

QUEREMOS uma pousada na Aldeia dos Rapazes. Queremos semear. Queremos que o mundo colha. Ninguém nos deve nada. Nós somos pobres de Cristo. Sabemos a quem servimos. Trabalhamos por devoção e esperamos a hora derradeira. Nada do que fazemos se perde, quanto a nós, ainda mesmo que tudo se perca, quanto aos mais. Estes princípios postos ao serviço da Humanidade causam a mais santa e mais feroz de todas as revoluções. Mas, uma vez que o ovo de Colombo tornou à face da terra, desejaria que todos os portugueses idóneos abrissem seus olhos e vissem quão fácil não é o resolver problemas intrincados, que são todos os sociais: diminuir o Mal com a força do Bem.

VAMOS combater com verdade, a verdade do Beco, da Ilha, do Desamparo, da Degradação. É por aqui que se começa. Para aqui, todas as forças. Enquanto houver casas sem lume e crianças a comer lixo — «a gente não comia caldo!» — não nos podemos desvanecer.

O. Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Setúbal

O que cada rapaz quer ser

AQUILO que cada ser humano quer ser, quando chega a altura de o decidir, é algo misterioso, e encontra o seu fundamento na própria origem do ser.

Entre nós, vemos como é difícil esta decisão — o que cada rapaz quer ser. Conturbada que foi a origem, conturbado é também o momento das decisões. Talvez por isso elas se vão adiando, esperando um momento futuro mais oportuno.

Este arrazoado vem-me ao pensamento, olhando os primeiros anos de vida de Pai Américo. Na sua primeira adolescência, quis ser

Padre. Pai dos Pobres, era desde essa idade, a sua profunda inclinação. Quando passavam à sua porta, acolhia-os no seu coração de menino e, de imediato, ia em busca de algum pão com que os pudesse presentear.

Américo de Aguiar estava marcado desde a sua origem, por essa força que o impelia ao amor do próximo, necessariamente ao serviço de Deus. Na juventude manteve-se neste estado de alma, sempre desperto e pronto a conservá-lo intacto.

A idade adulta, já bem entrada nos anos, chamou-o a vivê-lo na totalidade da sua vida. Acabara-se o espaço para o eu; ficava só o primeiro Mandamento e o segundo que lhe era semelhante.

Este foi o seu percurso de vida,

fiel à sua origem, fiel no caminho que lhe foi dado percorrer.

No que diz respeito aos nossos, que também são seus, e tal como ele acreditamos que não há rapazes maus. A nossa experiência evidencia-nos isto mesmo, quando recebemos rapazes rotulados de pequenos delinquentes ou de «crianças difíceis» e, entrados no nosso meio, se revelam outras, mesmo, por vezes, dóceis e bondosas.

O meio donde vêm, sim, é corrompido e corrompedor. Se se deixam atrair por ele, será talvez porque foi o que lhes deu origem. O homem tem sede sempre de voltar à sua origem, nela buscar a paz quando a não tem.

A origem da vida é um ponto de partida e um ponto de chegada.

Quebrar esta tendência de retorno à origem, naquilo em que ela é má, exige uma força maior que a naturalmente existente em cada um. Saibamos nós tê-la e ajudar a desenvolvê-la em cada um dos rapazes, e teremos alcançado o fim da paternidade.

Padre Júlio



«O homem tem sede de voltar à sua origem, nela buscar a paz quando a não tem.»

Aniversário de Pai Américo

EM 23 de Outubro de 1887 nasce na Casa do Bairro de Baixo, freguesia do Salvador de Galegos, concelho de Penafiel, pela uma hora da noite, sendo o último de 8 irmãos. Filho de Teresa Ferreira Rodrigues, da Casa de Antelagar, freguesia de Paço de Sousa, e Ramiro Monteiro de Aguiar, natural da freguesia de Lagares, unidos em matrimónio na igreja paroquial do Salvador de Paço de Sousa, a 23 de Outubro de 1873. Foi Baptizado a 4 de Novembro com o nome de Américo, na igreja paroquial de Galegos, pelo Padre António da Rocha Reis. O nome é dado em homenagem ao Cardeal D. Américo, Bispo do Porto.

IAMOS a conversar atravessando um bairro muito pobre, nos arredores da nossa Casa do Gaiato. Uma médica, um professor universitário, uma enfermeira e uma psicóloga. São um grupo maravilhoso de voluntários. Deixaram sua terra, sua família, seus interesses pessoais, tantas vezes egoístas, e se lançaram na aventura do desconhecido, ao escutarem o apelo duma vocação universal. Pertencem a uma ONG, Leigos para o Desenvolvimento, de seiva cristã. A carrinha, em andamento, era a sala de estar. O assunto era o que nossos olhos viam.

As casas em desalinho, ora construídas em grupos, ora dispersas e isoladas, faziam o bairro pobre, a tocar no nível da miséria. Ninhos de crianças apareciam em cada canto. Saltavam de contentes e vinham saudar-nos como se de gente conhecida e familiar se tratasse. É verdade que nos conhecemos de há muito tempo. Vemo-nos quase todos os dias. Os meus companheiros observavam tudo com muita atenção.

De tão habituado que ando por estes caminhos, não consigo ficar insensível! Persegue-me alguma amargura por querer ajudar a mudar a situação e não conseguir. Sei por onde começar e para onde ir. Devagar, embora, vou caminhando. Partilhei, no decorrer da nossa conversa, o meu estado de alma. Como abrir a porta para a fuga do alcoolismo em que vive mergulhada uma parte significativa da população? Homens e mulheres. As casas, construídas com material tão frágil que uma chuvada mais forte põe no chão,

Benguela

Há valores universais

estão completamente nuas por dentro e por fora. Sabemos quão importante é a habitação para o equilíbrio da família. Quanto mais presos estiverem à sua casa os pais e os filhos, mais seguros vivem na hora da tentação de se refugiarem nos lugares do álcool e das más companhias. Aqui, nada os prende à sua casa.

Penso nas crianças. Nascerem e crescerem e morrem neste ambiente. O investimento humano é tanto e mais prioritário que o capital financeiro. Bem sei que o dinheiro é preciso. Coisas lindas têm sido feitas com o dinheiro multiplicado pela sabedoria do coração de tantos e de tantas! Mas, primeiro, está a pessoa que o vai gerir. Por isso, o investimento humano vai à frente.

À medida que fomos reflectindo, dávamos conta da alegria espelhada no rosto e nos gestos das pessoas. Será que vivem verdadeiramente felizes? Como? Será que não pensam noutra forma de viver? Como ajudá-las? É preciso dar a mão. À miséria, não. Ao desejo de sair da miséria, sim. Por isso, há um serviço, em profundidade, à vida da nossa gente. O caminho para lá chegar é o Amor. Entra-se pela Justiça. É um direito a clamar pelas minhas mãos estendidas às mãos

CONTINUANDO a nada fácil tarefa de prescrutar o texto com o objectivo de dar resumidamente uma imagem fiel do país assim chamado, abordarei este ponto que Tomás More intitula assim:

3 — «Da vida e das mútuas relações entre os cidadãos».

O que neste capítulo se descreve é particularmente chocante com a realidade dos nossos dias: o fenómeno de um urbanismo desenfreado que concentra em grandes cidades, em crescimento incessante, as populações de um país com a consequente desertificação do seu interior. O que isto tem de desumanizante, os preços sociais que implica, sabem-no bem as sociedades deste tempo que, nem por isso arripiam caminho.

Na Ilha da Utopia «a cidade compõe-se de famílias (não mais de seis mil), a maior parte das quais unidas por laços de parentesco»; e tal norma «mantém o equilíbrio da população e impedem-na de se tornar demasiado rara em certos lugares e demasiado densa noutros». Assim se proporciona em cada cidade um

levantadas de quem está caído e amarrado. Mas a alma é o Amor. Serviço paciente até morrer; até ao despertar do desejo em cada homem e em cada mulher de viver em condições novas. Lembrou-me da alegria que experimentei, no princípio, ao escutar o pedido de ajuda para a casa nova do que foi nosso cozinheiro. Estávamos ambos na mesma onda. Ele a querer sair da miséria, levantando a sua mão; da minha parte o desejo de estender a minha para o segurar e libertar das amarras que o prendiam. Foi um passo decisivo para a vida da sua família.

Há valores que são universais. Viver com dignidade, em qualquer parte do mundo, é uma herança deixada ao homem pelo Senhor de todos os bens. A nossa conversa continuou até ao alto do monte para ver a beleza, donde nasce um desejo grande de trabalhar mais para que o povo seja feliz, de verdade. A força da natureza para elevar as pessoas é indiscutível. Nela está escondida também a voz do Criador. Francisco de Assis descobriu-a e cantou-a. Pai Américo quis que seus filhos crescessem nas Casas do Gaiato e no Calvário embalados ao colo da natureza cheia de vida.

Padre Manuel António

Utopia

viver comunitário e determinam medidas que levam a uma distribuição racional e eficaz por todos os cidadãos dos bens de que cada um necessita e que todos produzem, já que — relembro — «a ociosidade não é permitida». O pôr em comum estes bens, suficientes e diversos, permite o recurso a eles por cada chefe de família que leva para os seus o preciso, sem preço nem olhares desconfiados ou ciumentos de ninguém, já que todos lhes têm acesso e a abundância deles não permite o receio de que algo lhes falte.

«Convém entretanto insistir nas relações recíprocas dos cidadãos». Estas estão marcadas pelo respeito entre gerações, por uma repartição justa de deveres e direitos entre elas, e pelos cuidados requeridos pelos mais fracos: as crianças, os idosos e os doentes... e até os estrangeiros, naturalmente imigrantes, que o turismo não era corrente naquele tempo. Um respeito temperado por afectos, dado que os laços de parentesco eram carácter frequente entre os habitantes da mesma cidade.

O que está aqui de pressuposto de consciência cívica entre os utopianos! Meu Deus!, a que distância destas estão as cidades modernas, peçadas de interesses mesquinhos, de cobiça, de invejas, de insegurança! Porque não havemos, pois, de pôr naquelas olhos de ideal a perseguir?! Na verdade é nos homens que está a utopia!

Lembro-me (e talvez lembre aqui...) uma experiência colhida em Malanje, em 1978, três anos depois da independência de Angola. A guerra interna ainda não estava acesa mas faltavam os bens de primeira necessidade e as comunicações eram já precárias. Padre Telmo ia a Luanda e levava mandioca e milho e outros produtos da terra. De lá trazia sal e óleo, um pouquinho de açúcar e peixe seco, e panos... Era uma alegria fazer contas com aquele povo que, em vez de dinheiro que nada valia nem tinha o que comprar, recebia aqueles géneros por preço dos seus serviços! Mas até lá esta mentalidade utópica é hoje difícil de implantar, com metade da sua população à beira-mar e a outra metade fixada nos centros maiores que ainda restam no enorme deserto humano que é aquele país.

Contudo, e apesar desta tendência urbana que existe sobretudo nas gerações mais novas, nascidas e crescidas durante a guerra, talvez ainda ali fosse possível um regresso à terra, à redescoberta daquela terra imensa e da sua fecundidade, recriando uma sociedade com base na família, hoje de laços também tão soltos, mas de cujos compromissos mútuos outrora recebemos lições. Seria preciso uma política decidida e concertada para a prosperidade crescente de todo o povo, ambiciosa de suficiência e felicidade generalizadas — se possível, sem que secassem os poços de petróleo nem a terra engolisse os diamantes.

Padre Carlos